DA ANÁLISE AO PASSE

Nilda Deiró

O dispositivo analítico foi criado por Freud e tem como fundamento a associação livre. O funcionamento desse dispositivo implica na presença de um analista e de um analisante - um binário dissimétrico, em que de um lado está o desejo do analista e, de outro, a transferência.

O analista oferece a sua pessoa como suporte dos fenômenos de dispositivo - *dimensão imaginária* (I); sustenta o desejo do analista, que nada mais é senão sua enunciação - *dimensão simbólica* (S); pratica o ato que introduz o sujeito na cadeia inconsciente, *dimensão real* (R). O enodamento desses registros coloca em evidência o *semblante de causa de desejo*: *a*



O analisante recebe do analista uma orientação: *fale tudo!* Uma orientação do modo de dizer sobre o real, pois a *associação livre* é um modo de dizer que ultrapassa o *inefável,* porém isto só ocorre se houver a suposição de um sujeito ao saber inconsciente, endereçado ao analista, suposto saber sobre o sintoma. O endereçamento é a constituição do sintoma

analítico, simultaneamente com a encarnação do Sujeito suposto Saber (S s S). Quando isto acontece a transferência está instalada.

A *transferência* consiste em dirigir a *tu*, analista, as insolências concernidas ao Outro. E o que não pode ser dito em palavras é dito em ato (*aggieren*). Todorov define a transferência como o desdobramento do *tu* em *tu* e *ele*:

tu - é a pessoa a quem o analisante dirige os enunciados.

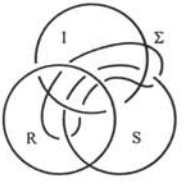
ele - é o objeto da enunciação.

O fenômeno da transferência ocorre na *hiância* entre o simbólico e o real. Transfere-se um significante do real que afeta o corpo. Real, Simbólico e Imaginário - R S I - constituem a estrutura. Uma estrutura tênue, por isso mesmo solidária, cuja consistência vem da amarração pelo sintoma, que corta o imaginário em quatro pontos, representados pelos objetos pulsionais: oral, anal, escópico e vocal.

O analisante demanda ao analista a decifração do seu sintoma. Ele vem representado por um significante (S1), que *não cessa de se impor*, afetando o corpo. Este gozo encarnado faz suplência ao impossível da relação sexual, que Lacan chama de *asexo (ualidade)*. O sintoma é uma criação do sujeito, para tamponar o impensável, o indizível.

A textura do sintoma é de palavras equívocas, determinadas pelo modo como o *infans* as ouviu, ao serem pronunciadas por *papai* e *mamãe*. O analisante só quer falar do *romance familiar*, para trazer ao discurso as palavras de *alíngua*. Os *significantes de alíngua* constituem os *uns - equívocos - enxame* - que dão existência ao inconsciente. É por isso que a análise pode desfazer pela fala o que foi feito pela fala.

No início de uma análise o analisante constrói uma ficção sustentada no romance familiar, envolvendo o enigma entre os sexos. Quando ele entende a lógica de sua ficção, é possível extrair dela os significantes equívocos e apreender o modo como estes significantes se metaforizaram e se metonimizaram para buscar sentido, pois se por um lado o gozo fixa o significante, por outro, o funcionamento do inconsciente busca decifração, através das próprias leis da linguagem, que são a metáfora e a metonímia, observadas por Freud e denominadas de condensação e deslocamento. É por isso que Lacan diz que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem.



Caso Clínico

Prossigo trabalhando o caso já apresentado *– A – Mor(te) pelo pai ao a-mor de transferência –* , com a finalidade de demonstrar, nesse momento, a operação efetuada através do matema da transferência e o modo de satisfação

da pulsão invocante.

O analisante toma da dedicatória de um livro, um significante do analista, referido à sua mulher – *insubstituível* – e transfere para esse significante uma *letra de gozo.*

A *letra* é o nome do significante sozinho, desarticulado, porém capaz de fixar o *ser-de-gozo.* Pela sua característica, a *letra* é fora significado, portanto real. Ao ser transferida para o significante *insubstituível* há articulação com o *significante qualquer* (Sq), *não te aceito* – pela antecipação da certeza do sujeito, quanto à significação da posição de objeto no desejo do Outro:

S (*insubstituível*)————Sq (*não te aceito*).

O analisante atualiza na transfência a *dor-de-existir*, pela dialetização do gozo mortífero jamais posto em palavras, pela força do recalque. A *dor-de-existir* é uma dissonância que tem relação com a estrutura e que está a nível do real, dependente ainda de algumas efetuações, para que haja a *real-ização* de uma elaboração. A intemporalidade do inconsciente permite desvelar o *interdito*: o lugar de morto no desejo do Outro, pela emergência do significante *madrepérola.* Este significante é metáfora dos ditos do Outro: *doutor, minha mulher é uma pérola rara. Salve a mãe.*

Madrepérola comporta a divisão *mãe - mulher.* Se o lado mãe pôde ser articulado, o lado mulher guarda em si o *enigma do gozo feminino*, suposto ao analista saber, sem que o sujeito soubesse o que lhe era suposto saber, pois *insubstituível* é um significante da enunciação que está latente, e só se torna patente quando emerge o significante *madrepérola.* Ao eqüivaler insubstituível ao representante representativo da pulsão, que se manifesta na demanda ao analista, esta demanda é frustada e representada pelo significante *não te aceito*, que tem valor de objeto – *mate o filho* - colocando o sujeito diante de sua inconsistência, assim como da inconsistência do Outro, pois o analisante transfere para o Outro do amor os insultos de sua *dor - de - existir*, que se manifestara no luto pelo objeto e ora se desloca para o *objeto agalmático,* que atrai para si o *quantum* de afeto ou *energia pulsional* que alimenta o sintoma.

Consentir com esta análise é poder suportar o desamparo e a posição de objeto rejeitado no desejo do Outro, pela decisão do analisante de querer uma conclusão lógica de sua experiência subjetiva. No *só - depois* o analisante pôde entender que estava construindo um *texto de saber* sobre *o texto do gozo,* assistido pelo analista, que se ofereceu como causa para o deslizamento do desejo inconsciente, ávido de decifração.

É isto o desejo do inconsciente, um desejo de nada, uma significação dada ao desejo do Outro...

A faceta aparentemente negativa do processo analítico propiciou *bem-*

dizer o sintoma, mesmo que fosse *mal-dizendo*. Foi essa *mal - dição* que permitiu ao sujeito fazer a ultrapassagem de uma análise terapêutica a uma análise didática, que nada mais é senão a passagem de analisante a analista, determinada pela pulsão: do *isolamento* nas crises de enxaqueca à *dessubjetivação*, para se oferecer como causa de desejo do sujeito – enquanto desejo do Outro – na posição de semblante. Ou seja, de uma *necessidade de ausência da voz* à posição de *escutar*. Se a voz do Outro teve o poder de colocar o sujeito na posição de objeto morto, a análise possibilitou fazer a transmutação dessa posição: é o próprio sujeito que se oferece a ocupar o lugar de semblante de objeto, para que outros sujeitos possam se libertar do assujeitamento ao Outro. Ocorre, portanto, uma nova forma de satisfação da pulsão invocante.

O saber do analista advém do real, ensinado pela pulsão, pois a cada encontro com o real o *não-saber* aumenta e é acrescido ao *saber* que se ordena na experiência analítica. Um *saber em fracasso*, diz Lacan, que não se confunde com *fracasso do saber*, pois a fronteira entre *saber* e *não - saber* é constituída pela mesma matéria, uma vez que a demarcação da fronteira é feita pela letra. A letra é real e funda o discurso que faz laço e que também faz litoral entre *saber* e *gozo*. A condição de fazer fronteira é a ultrapassagem do limite, no qual há a marca dos *encontros faltosos*. Marca pulsional determinada pelo significante causa de gozo, que ressoa no corpo. Este significante se constitui como inscrição para o discurso e se presta aos efeitos de linguagem - *metáfora* e *metonímia*. Então, a condição de ser litoral é o retorno da letra, que fixa o gozo e que se mostra operando no discurso, tal como a escrita japonesa, que se entrelaça na pintura. Quando o analisante apreende a mestria desse significante, ele se torna agente do discurso analítico, mobilizado não mais pelo *objeto agalmático*, mas por um *desejo inédito*, que porta a alegria de um saber. Esses momentos de passe ocorridos no interior do dispositivo analítico se constituem como condição necessária ao saber do analista, este que, pelo seu ato, pôde separar-se do seu analista com a seguinte conclusão: *insubstituível é o lugar impossível a suportar.*

Após o ato esse novo sujeito pôde entender que construiu um saber não-todo e que por isso mesmo há um empuxo à elaboração dos pontos obscuros - a sombra espessa sobre a qual é necessário lançar luzes, movido por um desejo que vai articular-se a produção desse trabalho. Paradoxalmente, a tentativa de iluminar a obscuridade coloca em evidência o furo no saber. Formalizá-lo e submetê-lo à verificação dos pares é a condição suficiente para a Escola de Lacan.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. *Recordar, repetir, elaborar.* In: Obras Completas, Vol XII, pag 193.

_____ *O instinto e suas vicissitudes.* Idem. Vol XIV pag 129.

LACAN, J *Proposição de 9 de outubro de 1967.* In: Opção Lacaniana nº 16, Revista Internacional de Psicanálise, 1996.

_____ *Discurso à EFP, 6 de dezembro de 1967.* Documentos para uma Escola II, Lacan e o Passe.

_____ *Lituraterra,* Sem XVIII, aula 12/05/71, Publicações Che Voui? Cooperativa Cultural Jacques Lacan, Revista Ano I.